

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conde de João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## O mês de Agosto perante a História

É inegável que este mês constitue para os portugueses uma espécie de *carne* ou *block-nots* de factos extraordinários, cheios de bravura e arrojado, verdadeiros e admiráveis feitos de valor que, a cada passo, é preciso relembrar, para edificação das actuais e sucessivas gerações. E nial nos vai se assim não procedermos na hora de incertezas em que vivemos, se não recorreremos à evocação histórica das acções de civismo que, através do decurso dos séculos, se tem dado em este mês, em Portugal. Recordemos, pois, o Passado e tenhamos fé no Futuro. A história os regista nos seus anais e Camões os cantou no seu poema imortal.

Era nosso máximo pensamento falar em todos eles, suscitando-os com os seus minuciosos pormenores, no sangue, por causa deles vertido e nas grandes glórias obtidas à custa de tantas lutas renhidas, mas em patriótico ideal, não o podemos realizar, como é evidente, nas pequenas ensanchas de um artigo para um jornal e de mais a mais da provincia.

Não quiséramos demonstrar que, ao escrever estas linhas, nos domina o desejo de rabiscar *coisas* para o público, mas sim uma profunda renovação pela evocação do Passado, cujas recordações instigaram no coração da *Mocidade Portuguesa* o amor da Pátria, o respeito por todos os vultos de antanho que bem merecem que lhes honremos as memórias.

Assim relembremos alguns, dos que mais têm concorrido para a manutenção das nobilíssimas tradições desta nossa amada terra, torrão fecundo de ilustres e afamados guerreiros, terra bendita que, a despeito dos maiores reveses e amargurados momentos de trágicas consequências, tem-se conservado sempre altiva e heróica, impávida e destemida.

Já no artigo *Eras passadas*, a propósito da batalha de Aljubarrota, pusemos em destaque o dia 14 deste mês. Por isso vamos hoje falar sucintamente em mais outros aniversários que todo o verdadeiro português não deve esquecer, não esquecendo também que em 14 de Agosto de 1435 faleceu D. João I, o herói de Ceuta, com 76 anos de idade no 48.º ano da batalha de Aljubarrota.

Um a 25 de Agosto de 1580 em que se feriu a batalha de Alcântara, na qual o infeliz D. António Prior do Crato, em um gesto bem significativo de grande patriotismo, se bateu intrépidamente contra as hostes do duque de Alba, batalha que foi, na verdade, uma pejeja desigual, entre os muitíssimos castelhanos e os muito poucos portugueses, que, constituindo uma página de luto nos fastos da História pátria, foi, sem dúvida, ao mesmo tempo, a manifestação mais lídima da energia e denodo de um verdadeiro filho desta terra que, de olhos postos no glorioso pendão das *Quinas*, tentou livrá-lo das conspirações futuras dos seus brios, sendo porém ferido e vencido, vítima não tanto da inexperiência dos soldados aqui e ali colhidos à última hora, mas principalmente da feia traição dos portugueses que ignobilmente se renderam ao ouro dos castelhanos prodigamente espalhado. Se tal não acontecesse, o triunfo da causa, por que o *pretendente* se batéra, seria completo, pois representava a manutenção da independência de uma Nacionalidade, que era esta boa e linda terra de Portugal, cuja lei serviria sempre com lealdade. Aconteceu este facto há 358 anos. Eis a origem do nosso tirânico cativo de 60 anos.

O segundo aniversário comemorado passou a 26 deste mesmo mês, porquanto em igual dia do ano de 1595, isto é, há 343, faleceu, no estrangeiro, em terras de França, este mal aventurado filho do infante D. Luiz, que tanto serviu o trono de Aviz, tentando libertá-lo, com a sua espada, da usurpação de Filipe II, da Espanha.

Saindo da Pátria, em 6 de Janeiro de 1581, depois de atravessar a provincia do Minho, recebendo guarda que em conventos, como os de Landim, Relógios, S. Bento e outros, quer, em casas nobres ou fidalgos solares e quer até escusas cabanas e humildes choupanas, passando por Coimbra, Aveiro, Porto e por Viana do Castelo onde teve de fugir disfarçado em lavrador, acompanhado pelos seus fiéis amigos e dedicados partidários, conde de Vimioso, bispo da Guarda e Diogo Botelho, mas sempre mais ou menos perseguido pelos seus inimigos que uma vez, na margem do Lima, tanto o apertaram que teve a sua salvação à dedicação de um popular lealíssimo por nome Tomé Cocheiro que, lançando-se afoi-

tamente ao rio a nado o atravessou com D. António sobre os ombros. Infeliz rei de Portugal! A sua miséria foi muita; chegou a ser tanta que mal tinha uma cõdea de pão para matar a sua fome enquanto os criados passavam dias inteiros e sucessivos sem comer, mas sempre resignados. Próximo do fim da vida, sentindo avizinhar-se a morte, escreve diversas cartas ao Rei de França, à rainha de Inglaterra e a outras personalidades de destaque fidalgo no estrangeiro e nelas pede, uma esmola para seus filhos, prestes a ficarem órfãos de pai.

D. António, em uma palavra, foi um português que tem todo o direito a que os seus restos mortais, sendo possível encontrá-los onde fôra enterrado, venham para Portugal e repousem, devidamente venerados, em esta terra, sua querida Pátria, que tanto amou e por cuja emancipação tanto sofreu e se sacrificou—até às agruras de um exílio.

Morreu pensando na Pátria, pois já na agonia pediu lhe dessem jazida no convento de S. Francisco, de Alenquer, o que até hoje ainda não logrou, porquanto seus restos mortais jazem no estrangeiro certamente para sempre, como os do infante D. Duarte, irmão do rei D. João IV, no castelo de Milão, a-pesar-de, à hora da morte, pedir para ser sepultado, em Portugal sua Pátria, e o do infante D. Sancho II, em Toledo, cuja morte foi constatada pelo lealíssimo alcaide de Coimbra, Martins de Freitas, quando lhe depositou nas mãos as chaves do seu castelo e cidade.

Além destes factos, outros mais nos relembra este mês: como a revolta dos eboenses cujo inicio se deu em 21 do dito de 1637, isto é, há 301 anos, instigados pelo popular *Manuelinho* no tempo do corregedor André Morais Sarmento que a causara exigindo 500.000 cruzados anuais para a Espanha. Todos os desejos patrióticos dos seus dirigentes foram sufocados em sangue. A 28 do dito mês de 1578 é aclamado o valetudinário e provento cardinal D. Henrique, a 29 de 1499 regressa da Índia, cujo caminho marítimo descobriu, o Grande Vasco da Gama que foi acolhido em Lisboa com pomposo e entusiástico regosio e por último, nos fins do dito mês de Agosto de 1641 em Portugal se descobriu uma conjuração contra D. João IV, a qual deveu a sua instigação à duquesa de Mantua D. Margarida de Saboia e aos *bons esforços* do areobispo de Braga, anteriormente bispo de Elvas, D. Sebastião de Matos de Noronha que, não obstante as mercês que recebera de el-rei já desde o tempo em que era duque de Bragança—pois foi quem o casou com D. Luísa Francisca de Gusmão, na primeira daquelas cidades—não só conspirou contra a independência da Pátria, pessoalmente, mas também ali criou adeptos para em malévolo intento, como foram D. Luiz de Menezes, 7.º marquês de Vila Real, Rui de Matos de Noronha, conde de Armamar, seu sobrinho, D. Rodrigo de Menezes, filho segundo do conde de Cantanhede, D. Pedro de Menezes, bispo eleito do Porto, Nuno de Mendonça, conde do Val de Reis, Lourenço Pires de Carvalho, D. António de Ataíde, conde de Castanheira, Frei Luiz de Melo, bispo eleito de Malaca, Cristóvão Cogominho, guarda-mór da Torre do Tombo, D. Agostinho Manuel e muitas outras pessoas fidalgas e chegadas à mais alta nobreza.

O rei soube da conspiração por denúncia que, dela lhe fizera Luiz Pereira de Barros que a soubera por comunicação de Pedro de Baeça, que fôra tesoureiro da Alfândega.

O conde de Vimioso também dela teve conhecimento, por declaração que lhe fizera Manuel da Silva Mascarenhas.

Presos Pedro de Baeça, Melchior Correia e Diogo de Brito Nalo e postos a tormentos confessaram a trama da conjura.

As primeiras prisões realizaram-se em 28 do dito mês, para cujo fim se aproveitou a parada dos quatro Terços da Ordenança. Os processos, instaurados contra os traidores correram rápidos e, dentro em pouco, era do domínio público o conhecimento completo da verdade, sendo dado aos culpados o castigo devido, que se cumpriu no Rossio, onde se ergueu o patíbulo que apresentava quatro cadeiras: uma, colocada no estrado, com quatro degraus que lhe dava acesso, destinada ao duque de Caminha, outra com dois degraus para o marquês, outra, com um, destinada ao conde de Armamar e a quarta para o D. Agostinho, colocada no pavimento, isto é, a colocação dos lugares era

## Presidente da República

*Regressou da viagem às nossas colónias da Africa Ocidental Sua Excelência o Senhor Presidente da República. Essa viagem, cujo significado todos os portugueses por certo compreenderam, resultou, desde a partida até à chegada, uma continua apoteose, significativamente demonstradora da unidade do Império.*

*Ao ilustre e venerando Chefe do Estado apresenta o «Noticias de Guimarães» os seus respeitosos cumprimentos.*

## “VITÓRIA”

Tem este jornal tantas e tantas vezes encarecido quanto Guimarães deve à colectividade desportiva local que desnecessário se torna salientar a viva simpatia que ela nos merece.

Nesta ocasião, em que alguns seus amigos dedicados empregam porfiados esforços para conjurar o perigo de uma decadência ou, até, de uma extinção lamentável sob todos os pontos de vista, cremos que é dever nosso exortar os vimaraneses, especialmente os tidos por desportistas, a que auxiliem moral e materialmente as pessoas apostadas em dar continuidade a uma existência aureolada por gloriosos pergaminhos.

Sabemos que os trabalhos em curso asseguram um resultado lisonjeiro e que, porisso, o Vitória, ao contrário do que supunham os mais cépticos, marcará de futuro, como até ao presente, um lugar de máximo relêvo entre os seus congêneres. É indispensável, porém, que se compreenda não poder atingir-se inteiramente essa finalidade sem persistente cooperação e ajuda por parte dos que—e muitíssimos são eles—estão em condições de as prestar.

Seria uma vergonha que, por abandonô, o Vitória findasse inglôriamente os seus dias, depois de se ter honrado e elevado, honrando-nos e elevando-nos, através uma vida plena de brilho, desportivamente exemplar. Seria uma vergonha, a confirmar os dizeres daqueles que afirmam, não sem razão, infelizmente, que em Guimarães as iniciativas de largo alcance e de superiores objectivos estão condenadas, cedo ou tarde, a morrer por falta de assistência.

Não se é vimaraneses só porque, em dias de festarola rija, se entoa a plenos pulmões o «ó Guimarães, teu progresso, tua vida». Para ser vimaraneses é preciso ter-se a consciência dos deveres que essa qualidade impõe. De cantigas (perdoe-se-nos a expressão), está o mundo farto,—estamos nós fartos... Obras,—eis o que desejaríamos ver, sobretudo no respeitante aos que passam o tempo a criticar desrazoavelmente tudo e nada, a malsinar as intenções dos homens de trabalho e de boa vontade, nunca achando bem o que se faz, empenhados só em descobrir defeitos, incapazes, por preguiça mental ou por maldade, de admirar, de louvar, de estimular.

Cumpramos todos, na medida das nossas forças e das nossas posses, o dever de contribuir para que o glorioso Vitória se imponha como magnífica realidade,—realidade que seja o resultado, não do sacrificio de escassa dúzia de pessoas, mas, sim, do carinho e do amparo dos vimaraneses dignos deste nome!

conforme a categoria dos conspiradores.

Era manhã muito cedo do dia 29 quando se formou ali, no Rossio, o Terço da Ordenança, sob o comando do coronel D. Francisco de Noronha.

Foi o marquês de Vila Real o primeiro que compareceu, acompanhado pelos corregedores do crime da corte, outras justicas e alguns irmãos da Misericórdia. Com as mãos levantadas e os polegares atados com uma fita negra, vinha de capuz e acompanhado de um capelão da Misericórdia, dois jesuitas e dois carmelitas descalços, a um dos quais se reconciliou, sentando-se depois. O algoz ou carrasco, de rosto tapado, liga-lhe os braços e as pernas à cadeira decaçando-lhe o carrasco a cabeça de um só golpe e cobrindo-lhe em seguida o corpo com um pano negro de luto. Assim foram executados os outros três supliciados cujos corpos estiveram expostos no patíbulo até à meia noite, hora em que a tumba da Misericórdia os foi buscar para o convento dos Carmelitas descalços, segundo um pedido que haviam dirigido ao rei, depois de já estarem prêsos.

Foi o bispo de Lamego que, então, se encontrava em Roma, quem ali tratou da justificação da punição, dada pelo rei, aos que desejavam atentar contra a sua vida e cujos processos, enviados à referida cidade foram,

pelo alto prelado, apresentados ao Pontífice.

Além destes, muitos outros traidores tem conhecido Portugal.

Muitos deles a História relembra e estigmatiza-os com toda a justiça. Basta percorrê-la fôlha a fôlha com atenção para vermos que quasi desde os primeiros alvôres da nossa nacionalidade até hoje, a cada passo, surgem como agáricos nos troncos das árvores velhas ou nos fétidos monturos e cujas exalações entoxicam e matam quem deles se aproxima.

Que série de lições e ensinamentos patrióticos nos prodigaliza este mês! É tão prodígio em factos históricos e compreende tantas acções dignas de registo, que bem merece ser estudado em toda a sua extensidade e circunstâncias de realização em que Portugal se patenteou sempre enérgico, prodigioso e arrojado contra quem tenta avassalá-lo e conspirar-lhe as brilhantes tradições, mesmo com as potências estrangeiras, pois em uma ocasião tendo o almirante Boscawen queimado uns navios franceses em nossas águas, Portugal, não obstante a sua antiquíssima aliança, exigiu satisfações a Inglaterra e esta se apressou a dar-lhas!!

E por aqui ficamos.

P.º Alberto Gonçalves.



A Arte em Guimarães—Imagem de Nossa Senhora da Pombinha ou da Purificação. Trabalho vimaraneses do principio do século XVI. Teve outrotra um altar na parte superior do Claustro românico da Colegiada de Guimarães. — A. G.

A Arte em Guimarães—Imagem de S. Sebastião. Obra de carácter franco-flamengo, em calcário doirado, devida aos fins do século XV ou principios do século XVI. Está exposta na Sociedade de Martins Sarmento. — A. G.

## E' no próximo domingo, dia 11, que se realiza a Grande Peregrinação à Penha

que será presidida pelo Ex.º e Rev.º Senhor Bispo de Arena, D. Luis de Almeida, e promete revestir a maior imponência.



A Penha, aprazível local de belezas e encantos, centro de horizontes soberbos e miradouro surpreendente de fantásticos panoramas, é também para os Vimaraneses, a Montanha santa em cujo cimo, há muito, colocaram a sacrossanta ara em que, todos os anos, costumam imolar, numa apoteose de fé e patriotismo, os sacrificios de uma jornada heróica.

Mais uma vez os veremos subir em piedosa romagem, entoando hinos ou recitando preces, as verdejantes vertentes da sua muito adorada Penha, e lá no alto suplicar à excelsa Padroeira dos Portugueses para que se digne proteger com as dobras do seu glorioso manto de paz o mundo inteiro, o seu Portugal querido e a sua cidade idolatrada.

### PROGRAMA

**Dias 8, 9 e 10**—Solene tríduo preparatório, às 21 horas (9 da noite), na igreja da Oliveira, sendo orador o Ex.º Bispo de Arena.

**Domingo, 11, às 8 horas**—Organização da *Grandiosa Peregrinação*, presidida pelo mesmo Ex.º Prelado, que às 9 horas em ponto dará a bênção aos peregrinos para imediatamente seguirem pelas ruas da cidade, Arcela e estrada da Penha, por Belos-Ares, onde se associarão então numerosos peregrinos das freguesias de Fafe e Felgueiras, com S. Torcato, Atães, S. Romão e outras.

Na Penha—Missa campal e alocação pelo Ex.º Prelado. Às 16 1/2 horas—No Santuário Eucarístico da Penha (em construção, onde, na parte edificada, cintila já na sua majes-

# ITINERÁRIOS P E C A D O R A Criticas Pequenas V á r i a

Do Dr. Américo Durão.

VII (1)

(13) E logo nessa noite, com duas chicharas de café muito forte, se deitou a corrigir e a limar, satisfeito do seu desempacho, revendo e serzindo, e a passar a limpo, esmerando-se na calligrafia, sobre grandes folhas de papel de linho, em vagares gulosos. De manhã, quis experimentar o efeito — e leu o sermão a Maria Teresa. Na febrilidade do improvisado escrito, deixara-se empolgar pelo então retórico, a florescência espontânea do estilismo declamatório. Mas — andava na moda, o empolamento gongórico do adjectivário, e era natural e contagioso em sua idade moca, como, nas crianças, a escarlatina, o sarampo ou a coqueluche. Certo, alguns lances, exteriorizados a leitura, se lhe afiguravam nebulosos, um dissertar teológico incipiente e tímido; e talvez omisso no intercalar de textos sagrados, na citação dos Doutores da Igreja. Ocorria-lhe o conselho de *Massillon*: «Não obrigues o ministro do Evangelho, para vos agradar, aos vãos artificios da eloquência humana». Compôs, remendou. Depois, era preciso decorá-lo: a retentiva do próprio era-lhe difícil, com a memória inatenta, prêsos mais o cuidado à lógica e à forma do discurso; por fim, nas horas calmas da noite, ensaiou a voz na recitação e as mãos no gesto, em frente ao espelho da cómoda D. Maria II.

Mas tudo se lhe varrera, quando, ao subir ao púlpito, enfrentou o auditório, que nem via, massa coagulosa, perdida na sombra extensa das naves, as velas dos altares a chamejarem crepitações lucilantes e erráticas, e um mar branco a crescer, a levantar-se, até o submergir em desmaio, sentindo a palidez redobrar-lhe a palidez, a bôca seca, os olhos doridos e cegos, o coração aos saltos, a escorrer-lhe a face de suor frio. A custo, e de repente, mas como se o fizera automaticamente um outro eu efectivo do seu alheio ser, a acudir-lhe de milagre no perigo, titudeou o versículo inicial. E deu com os olhos em Maria Teresa, ajoelhada, em frente, à sombra da coluna do arco cruzeiro, a sorrir-lhe — todo o sermão o disse, lhe escorreu assim, nessa abstrata hipnose, como se o estivesse a escutar de outrem, que o proferia.

Aquela prova tormentosa negrejou-lhe o espirito — e era

ele que se propunha escrever da oratória sacra! Quantos e não vira corrido e vexado, no claustro, aos cumprimentos de superioridade, que lhe deferiam por mercê os vários e diversos consagrados nas lides tribunicias, e o desdem afável dos outros colegas! Só a Mãe Curseira e a Maria Teresa... A Maria Teresa que sabia de cor o sermão e era capaz de o dizer muito melhor!

Calçou as suas botas de jornalista, e, durante dias, maravilhosos dias de outono brando, passeou montes e vales. Foi então que tirou a sua sorte, como os mancebos que entram à inspecção (e como todos quando resolvem e teem de adaptar-se à vida na realidade da vida) — queria ser Pastor de Almas, Cura de Aldeia. — «Tenho sangue de lavrador — dizia ele ao Dâmaso —, vou-me para entre a gente rude. Só o meu desejo me exalta até as penhas dos montes, que as minhas possibilidades, essas, rastejam no vale chão e humilde. O idealismo aventureiro, que me vem do sangue materno, há-de prestar-me na mística do apostolado». Abriu-se com o velho amigo, pediu-lhe, suplicantemente, a sua ajuda: convencer o Pai António, conseguir uma influência, valente e poderosa, que se fizesse ouvir em seu favor no Paço dos Arcebispos... E Dâmaso Romualdo foi, realmente, um grande homem! Como em seu corpo seco havia a delícia do apetite guloso, em seu espírito hermético e gnómico, a severidade e a máxima, fraguejava um coração bondoso. Foi ainda a Mãe Curseira... A diligência e habilidade com que ela conseguiu o valimento do senhor Arcebispo! E Pai António, com o dificultoso embaraço de tôlas aquelas despesas mais — o património, o recheio do bragal, a receita para os primeiros tempos, a deslocação, a montagem da casa...

— Mas, esta vida de farinha honrada não deixa coagular vintém! Sinceramente aflito, de olhos pasmos para a mulher, agora ainda mais enfrenizada do que para o Marcelino se ordenar:

— E a Maria Teresa — ouves? — e a Maria Teresa? Está ainda uma criança, fica toda a vida uma criança? O Joaquim bem se agüenta e pode

*Eu dei-lhe o meu perdão cheio d'amor!  
Quereis saber porquê, ó almas vãs?...  
Causou-me o seu pecado um forte horror,  
Mas lembrei-me, depois, que tinha irmãs.*

*Olheia-a mais de perto... Ingente dor  
Das suas faces róseas, tam louças,  
Fêz um sudário triste de palor  
Como nenhum igual tormento faz...*

*Ela era uma criança e ao engano  
Levou-a um homem vil, como um tirano  
Que ao seu poder domina a 'scravidão...*

*Como senti por ela tanta pena!  
Lembrou-me a arrependida Madalena,  
Lembrou-me de Jesus o seu perdão.*

Agosto de 1938.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

## BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

### CUPERTINO DE MIRANDA & C. A

SÊDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

medrar na lavoura, o Marcelino já tem modo de vida...

— Modo de vida? Não digas heresias, António, que é grande pecado!

— e a Maria Teresa: quanto a essa, não só lhe desfalcamos o capital, mas secamos-lhe, na flor da vida, tôdas as esperanças do coração. Ai tens — é o que é. Para engeitada, a Maria Teresa!

— O homem!, quem te ouviu, havia de julgar que os ladrões te estão a assaltar a fazenda!

— Não que lhes valia a pena! Quando rapaz — e te conheci — em boa hora, isso lá, na verdade sempre louvo ao Senhor! — andava a moleiro, e teu pai era farinheiro: vai um ajuda o outro, e lá nos entendiamos. As cousas corriam melhor — mas, também, era outro tempo! E, agora? Eu não sei se a gente cresce, se o que cresce é a miséria. A farinha é o pão dos pobres, e quem rouba os pobres, rouba a Deus. Ora Deus nos valha, mulher! Sim, porque ajudar o Marcelino — queria eu! Pois se o ordenamos... Mas a pequena... E a pequena?

— Agora, já é pequena. Ora ouve, António: o Marcelino, indo para fora, tem de levar alguém. A Josefa, que mos ajudou a criar, é claro. Mas vai só a Josefa? Até para a Maria Teresa... Tu não reparaste no que disse, outro dia, o médico, daquela melancolia, em que ela anda: — «Esta idade é muito delicada. (E a Mãe Curseira batia as sílabas). Ares sãdios, boa ali mentação, um certo amparo e distração... Foi assim mesmo — ora não foi? Até para a Maria Teresa, indo algum tempo fazer companhia ao irmão, lhe serve de tratamento e cura.

— O Marcelino é muito amigo dela, isso é.  
— Um irmão às direitas  
— «Era bom que a Maria Teresa aprendesse mais alguma coisa» — não tem ele dito, e tantas vezes? Ora ai está: Fazia-lhe bem ao corpo, ao espirito e à alma. (A Mãe Curseira dividia o ser humano em três entidades.) E a sua companhia, António, não fazia mal nenhum ao Marcelino... Tu bem me entendes. Entretanto, Deus ajuda a quem muito madruga. E tu estás ainda rijo e novo, homem. Ainda ante-ontem me

dizia a D. Quitéria do Rato: — O seu homem está muito bem apessoado!..

No silêncio do seu quarto, próximo, Maria Teresa ouvia transida: transe de inquietação, como se no vento do mar, galgando as montanhas até ao vale, se repercutisse o eco distante e abafado de uma voz a chamá-la, a agoiar-lhe a alma — seria o pressentimento fatal do seu destino? Ouvia e chorava — nem ela sabia porque chorava. Tinha medo, o sonho que ela sonhava? Mas o sonho abria-se as asas de borboleta à luz irradiante da esperança. Ela prometera-lhe esperar — ele prometera-lhe vir. Do esperar vivia seu coração, no esperar se consumia a luz dos seus olhos. Que mais se lhe dava ser aqui ou além? Pudessem ela fazer avançar o tempo como se adiantam os ponteiros do relógio. A esperança... Mas a esperança sorria-lhe como felicidade, era a jóia do seu tesouro, a flor do seu segredo. — «Bom dia, vizinha! Boa noite, Maria Teresa!».

E passaram os meses; veio o inverno, e passou o inverno. No jantar clássico da Candelária, o Dâmaso sorria — a boa nova do despacho de Marcelino estava a bater à porta. E, certa manhã, escura e fria, no carro de aluguer, atulhado de malas e sacos, lá partiram os três — o Marcelino, a Maria Teresa e a Josefa...

(Continua). Eduardo d'Almeida.

### Declaração

A família de Mário da Silva Mendes Guimarães declara, por este meio e para todos os efeitos, que não se responsabiliza por quaisquer dívidas que o mesmo contraia.

Guimarães, 1 de Setembro de 1938. (141)

### ADÃO

Camisas ADÃO. As melhores. Corte por escala. Perfeito acabamento. Padrões exclusivos.

Só na LOJA DAS CAMISAS (junto ao Café Oriental) e na CAMISARIA MARTINS. CAMISAS ADÃO.

O melhor prato que a Culinária Literária costuma oferecer-nos aos domingos é o estudo lingüístico que Agostinho de Campos nos oferece no Comércio do Porto.

Da última feita trouxe-nos uma esplêndida maionese. Não eram vocábulos em bolandas. Era uma Consagração aos oitenta anos do Mestre dos Mestres que é, cá dentro e lá fora, o Doutor José Leite de Vasconcelos.

O mimoso volume com que a Ciência Alemã distinguiu o grande Etnólogo, todo êle feito de estudos da Nossa Terra, e tam perfeito na sua elaboração e tam esmerado na revisão modelar, revela em alto relêvo de consagração quanto vale o Sábio nas suas vèlhas lides arqueológicas, etnográficas e filológicas.

A Mensagem que a Comissão de Professores, delegada da Universidade de Hamburgo, entregou ao Mestre Venerado é monumento de alta justiça e documento de funda consagração.

Não era no repouso da sua casa de Campolide que o Mestre esperava cumprimentos no seu sete de Agosto. Em região fronteiriça do Alentejo andava o Filólogo estudando mais um dialecto!..

Agostinho de Campos deu ao seu trabalho o titulo de Portugal lá fora e juntou à consagração do Patriarca da Arqueologia a referência a revistas estrangeiras que se honraram com as conferências do Articulista na Sorbona e em Berlim

Vê-se que se Portugal se impõe na sua Política Financeira, paralelamente se mostra grande no respeito que o Estrangeiro lhe devota no campo vasto da Ciência e da Literatura.

## Gazetilha

Inda há coisas com piada! Como se esta vida fosse uma coisa sossegada e que corresse embalada numa calma muito doce,

sem canseiras nem maçadas e num constante sorrir, há pessoas intressadas no decifrar de charadas, como se isto fosse a rir.

Charadas!... Não estão más e não é pequena a lista, mas, diz alguém que é sagáz, não as resolve quem faz o «Notícias Edipista».

Essas são de brincadeira e vão parar muito perto, de toda e qualquer maneira a pontaria é certa, está sempre tudo certo.

Queriam ver resolver as outras que são taludas e fazem estremecer, as tais que nos fazem ver as coisas muito bicudas.

Um resultado perfeito, por nós todos é pedido, mas eu não enxergo geito ilêsse milagre ser feito, pois está tudo... perdido.

E! mesmo assim, sem favor, e onde irã isto parar? Nada nos mete pavor, e seja lá como fór, morrer, sim, mas de vagar.

De vagar, de vagarihu, eu ni-so faço questão, e só depois de cheiinho ter o estomago de vihu e apimentado melão.

Camara Dão.

### Brinde aos nossos leitores

«CTIBO» Revista em 2 actos PREÇO 5000 Rollin de Macedo.

Por especial deferência do seu autor para com o nosso jornal, quem recortar este anúncio e lhe juntar 2500 em sêlos de correio, dirigindo-se em carta fechada à Rua do Sol-Graça — 24-2.º Esq. Lisboa, receberá este livro na volta do correio, sem mais despesa.

Importante: Torna-se indispensável juntar este anúncio ao pedido e aos 2500 em sêlos, dirigido ao autor.

### As duas missas

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

2) Ao domingo, era o mercado. Logo ao palejar, quasi brumoso, da primeira luz azulina, coada de violeta, começavam a distinguir-se, indecisas manchas em lâ de ovelha e estôpa de linhal, ao alto dos carreiros dos montes, já recortados e distanciados no céu morto, certas figurilhas em passadas lentas, como a pastoral ingênua e tôsca do presépio, a que tirassem a corda de movimento, gasta e peca da ferrugem. A gradação da luz, rosá-lia, branco delicado e mate, depois, e florescente, a dilatar-se em poalha de ouro fino, ao ar puro, largo e aberto — o ar que vem da natureza e se não envenenou ainda de vida humana, de miséria humana — aumentava-as, contornava-as, enchia-as de vulto: era a flora e a fauna, o macho e a fêmea, gente fusca, olhos de carvão em brasa, ou loira e garrida, de olhos de safira, acorrendo e convergindo de seus lugares sertanejos, pelos trilhos pedregosos, os corregos dos alcantis, a siranda de caminhos e estradas, como numerosos deltas do mesmo rio do destino.

No Campo da Feira, arrumavam-se as tribus — raras, ainda, da primitiva graça admirável, o serrano forte, nado e criado entre o granito e o carvalho, comendo o pão de milho e bebendo a água da rocha, com o tinte bronzeado da independência aliva, da tranqüillidade vasta e calma, como os largos horizontes à hora crepuscular da paixão aguda e violenta, como o sol do meio-dia; outras, já mestiças, traços somáticos de degenerescência, ou dos cruzamentos de acaso, fora do clan, alcoolismo, o venusino delerético, ou do infiltramento e contágio cidadão, pela emigração de trabalhadores para o estrangeiro ou do exodo para as cidades, mais desfeitas, senão por vezes horríveis, na reliche chiquenta dos figurinos e na química hedionda das tinturarias ber-rantes; e eram aqui os montes de hortaliça e de batatas, os grandes sacos e as maquinas de cereal, mais adiante a castanha e a azeitona; depois, em filas, entre as manchas do barro e do cloro das louças, os cestos da fruta e os regalos mais saboridos da horta, tudo enquadrado pelos ajuntamentos do gado — os bois, os gericos, os cevaldos, as cabras e as ovelhas.

Entretanto, como a entrelaçar na ode anacreontica nas pulsações dionisíacas, a Vila resolvia-se a acordar, espreguiçadamente, com volúpias e murmurejos das abluções mais profusas, um cheiro a barreira e corpo lavado, e a vestir-se guarnecidamente do seu traje de ver-Deus. Abriam-se as janelas, muito escancaradas as portas das lojas — o descanso só começava ao meio-dia e deixava ao meio-dia de segunda-feira —, afluíam as pessoas à varanda; já as matronas, de môça ao lado, se dirigiam às compras; rascava a tossideira dos bronquíticos — e as crianças, de bibeiros limpos, muito penteadinhas e rosadas, vinham espaiar-se de flores risonhas, saltitantes, o grave Largo do Município. Todo o ar estremecia na alegria simples da vida simples. A ida à missa era a ceremónia mais grave, mais solene, mandamento canónico e social — o homem casado acompanhava sua mulher, austero, hirtó, como se esse acto fosse, ao mesmo tempo, o privilégio exclusivo e a demonstração pública dos esponsais; o chefe da família ia como a presidir ao concílio doméstico; a viúva, na afirmação do seu decôro e do seu luto e a donzela, na da sua virtude, obediência e prendas íntimas; o comerciante, a mostrar o crédito, a exação da sua honestidade em negócios claros e o proprietário, com o seu direito de senhor, a regra estrita da sua economia e da sua ponderação. Aquela marcha, em pequenos grupos, aos pares, de individuo e individuo, levava tempo, levava as horas da manhã: como pragmática rigorosa, estabelecida na tradição e observada com escrupulosa, de pormenorizada regularidade. Tal família podia ir, porque tal outra família já tinha entrado. E assim se conglomera o estado maior das situações e todo o figurado clássico da povoação. O sino alteava, agora, os seus bronzes clamantes. As mulheres novas vinham em cabelo, mas, à entrada da Igreja, punham na cabeça a negra mantilha de renda. Os namorados encostavam-se às árvores do Largo: êles bem sabiam que, depois da missa, as meninas solteiras, já com a mantilha embrulhada na mão, gostavam de passear, até à hora do comer, por entre os canteiros floridos do Largo — a estação gracil e civilizada da Côte. A's últimas badaladas chegavam os trens e automóveis dos Gran-Senhores, gente rica e da nobreza, mas, desta, a pouca que não tinha capelanía em seus solares e palacetes.

O ridiculo envenena e disforma por onde passa.

Rebêlo da Silva.

Mas o que é um carroção? O carroção é um caixão de proporções disformes, biconvexo, barrado de verme-lho por baixo, e dos lados, e coberto com uma tampa de couro negro. Este aparelho de morte anda montado sobre quatro rodas de carro, e arrastata-se dolorosamente por uma junta de bois transparentes. O pêso do carroção sobe de quarenta até cinquenta quintais, quando não tem passagel-

tosa grandeza a preciosa Talha de Santa Clara), haverá exposição, têrço e bênção do Santíssimo Sacramento.

A Montanha na noite do dia 10 estará iluminada profusamente, havendo outras demonstrações festivas.

Em recinto reservado poderão estacionar automóveis e caminhetas sob a guarda de pessoal competente. Haverá também local próprio para guarda de objectos.

Durante o dia haverá carreiras de caminhetas para a Penha.

### Horário dos combóios extraordinários

#### PARTIDA — Entre Pôrto (Boavista) Guimarães

Ida — Pôrto (Boavista), 6,43; Senhora da Hora, 6,50; Araújo, 6,58; Barreiros, 7,04; Castêlo, 7,14; Muro, 7,22; Bougado, 7,31,5; Trofa, 7,38; Louzado, 7,47; Santo Tirso, 7,57; Caniços, 8,05; Negrelos, 8,12; Atainde, 8,17; Lordêlo, 8,25; Cuca, 8,29; Vizela, 8,37; Nespereira, 8,44,5; Covas, 8,51.

Regresso — Guimarães, 19,20; Covas, 19,26; Nespereira, 19,32; Vizela, 19,39; Cuca, 19,46; Lordêlo, 19,50; Atainde, 19,57; Negrelos, 20,04; Caniços, 20,11; Santo Tirso, 20,21; Louzado, 20,32; Trofa, 20,27; Bougado, 20,41,5; Muro, 20,53; Castêlo, 21,02; Barreiros, 21,11,5; Araújo, 21,16; Senhora da Hora, 21,22.

#### Entre Trofa e Guimarães

Ida — Trofa, 6,04; Louzado, 6,18; Santo Tirso, 6,44; Caniços, 7,15; Negrelos, 7,40; Giesteira, 7,45; Atainde, 7,47; Lordêlo, 8,00; Cuca, 8,04,5; Vizela, 8,17; Nespereira, 8,24,5; Covas, 8,30,5.

#### Entre Fafe e Guimarães

Ida — Fafe, 7,50; Cepais, 8,01; Fareja, 8,09; Paço-Vieira, 8,23; Penha, 8,30; Aldão, 8,33,5.

Regresso — Guimarães, 9,30; Aldão, 9,40,5; Penha, 9,45,5; Paço-Vieira, 9,50; Fareja, 10,02; Cepais, 10,09,5.

Guimarães, 19,10; Aldão, 19,22; Penha, 19,29; Paço-Vieira, 19,37; Fareja, 19,49; Cepais, 19,57.

#### CHEGADAS — Entre Pôrto (Boavista) e Guimarães

Ida — Guimarães, 8,56. Regresso — Pôrto (Boavista), 21,28.

#### Entre Trofa e Guimarães

Ida — Guimarães, 8,36.

#### Entre Fafe e Guimarães

Ida — Guimarães, 8,43. Regresso — Fafe, 10,19 e 20,07.

ros! E' esta a locomotiva mais aparafusada, que possui a cidade do Pôrto, ainda que tambem a que oferece mais duvidas e incertezas a teoria do movimento. (1854) F. Gomes de Amorim.

Um soneto de João Soares: Na humilde cela, onde em perfume casto O luar esbate, merencório e brando, Vai-lhe fugir o espirito, beijando A negra cruz do seu rosário gasto...

Bocage, para encontrar a pesada existência honesto arrimo, muitas vezes, «nos desordenados, indigentes lares, velava as noutes», traduzindo as Metamorfoses de Ovidio, a Bucólica de Vergílio, os Jardins de Delille, e Castet, Lacroix, Florian, etc. O Padre José Agostinho de Macedo, quando rompeu com ele, chamou-lhe «tradutor de aluguel», que fazia «rastrinhas cópias de originaes soberbos».

«Tudo vai da disposição de animo, do interesse e da optica — conta Júlio César Machado, no seu interessante livrinho Da loucura e das manias em Portugal, cuja segunda edição safu em 1872. Um agiota, sempre certo no Terreiro do Paço, da uma hora às três, debaixo da arcade, emprestava dinheiro — nuns tempos de crise politica e financeira, de que o país ficou guardando má lembrança — a 9 por cento. Dizia-lhe um amigo: — O homem! Isso é explorar de mais! Olha lá o céu não te castigue. Deus vê tudo, e estou que não te perdoa essa!

— Deixa-o ver, respondia o outro. Eu bem sei o que faço. O 9 visto lá de cima parece um 6».

O que, contado ou repetido hoje, tem duplo sabor... amargoso. E' nesse mesmo livro que, ao relatar suas impressões das visitas ao Hospital de Rilhafoles, fundado em 1850 pelo Marechal Saldanha, diz haver encontrado, entre os loucos furiosos, uma rapariga ou mulher de Guimarães: «Esta, de Guimarães, — com certo ar de astucia maquiavelica no fundo da loucura — está doida um dia sim, um dia não. No dia em que não está doida, trabalha. E' uma alienação à maneira das sezões.

— Como está? — pergunta-lhe o director. — Sempre estou boa! — responde ella. — Ah! E então? — Então — sardinha com pão! E, sem mais nada, enfurece-se, grita, ameaça, quer saltar, terrível, hedionda, como se a noite e as Parcas lhe desenhassem no semblante as carretas da loucura».

— E' mentira! Tudo mente, desde o céu ao mar profundo! De mentira é feita a gente e a gente é que faz o mundo. João França.

II Missão Estética de Férias

Acompanhado de sua ex.ª esposa e filhas esteve nesta cidade o sr. Professor Dr. Ricardo dos Santos, Director da Escola Nacional das Belas Artes, que visitou a sede da II Missão Estética de Férias, elogiando muito a boa ordem que veio encontrar e, ainda, os trabalhos já realizados. S. Ex.ª visitou o Museu Alberto Sampaio onde foi recebido pelo director sr. Alfredo Guimarães, com quem conferenciou acerca de assuntos que muito interessam ao futuro do movimento Artístico de Guimarães e almoçou na sede da Missão a convite do director da mesma, sr. Dr. Aarão de Lacerda.

— Se fôr possível realizar nesta cidade, e nas salas do Museu Regional de Alberto Sampaio, a exposição dos trabalhos dos artistas da Missão, é possível que venha assistir a essa festa de Arte o senhor Ministro da Educação Nacional. Para a exposição serão distribuidos convites a todas as pessoas que educada e gentilmente assistiram à sessão inaugural da Missão. — O illustre escultor sr. Raúl Xavier está a concluir a imagem de Santo António, que se destina à igreja da nova paróquia de Lisboa (Nun'Alvares), funcionando o seu atelier numa das salas do nosso Museu Regional. — Os estagionários da II Missão Estética de Férias, visitaram os Paços dos Duques de Bragança e o Castelo de Guimarães.

Uma visita à Cidade

Comentários

Reparei na grande ou antes na enorme concorrência de tabernas que estão espalhadas por toda a Cidade, incluindo as ruas mais centrais, como as de Santo António, Gil Vicente, Paio Galvão, República, S. Dâmaso, etc., etc. Como esse aglomerado tabernal me causasse certa espécie de curiosidade procurei saber qual seria o motivo da sua existência e soube, então, que a maior parte delas eram de natureza particular, isto é, um processo de alguns proprietários venderem o vinho da última colheita por um preço mais compensador. Como não quero entrar em particularidades, limito-me apenas a dizer que não considero digna de censura qualquer pessoa que se aproveita da lei para a defesa dos seus interesses, mas é preciso que a par disso não surja o abuso ou a arte engenhosa de sofismar a própria lei, porque, conforme informações que me deram, a venda a retalho de vinho particular transforma-se em alguns casos, em verdadeira taberna professional, onde não faltam as iscas e petiscos e o simbólico ramo de loureiro.

Ora é isso que não está bem nem pode ser, já por que a cidade não pode ser transformada em recinto de tabernas, já por que não é licito nem admissível que se passe por cima da lei e ainda por que esse facto reverte em prejuizo de terceiras pessoas. Ninguém me encomendou o sermão, mas é isto o que eu penso sobre aquilo que vi e o que me disseram — pessoas sem interesse por qualquer dos lados. E ainda a este respeito, estou convencido de que os proprietários enganam-se a si próprios usando desse meio ou dessa faculdade concedida por lei para promoverem a venda do vinho com maiores vantagens de ordem financeira. E se assim não é, também não pode ser verdade tudo quanto se diz relativamente aos efeitos da grande concorrência, sempre caracterizada pelo abaxamento de preços. Portanto, no caso presente, são os proprietários que fomentam essa concorrência e que mais propaganda fazem da crise da abundância... Na pretensão de venderem o vinho por um preço compensador, têm toda a razão e toda a justiça, atendendo a que têm de satisfazer os seus compromissos tributários e outros mais. Mas, como digo, o processo da venda particular a retalho não me parece o mais viável. Reconhecida a necessidade de ser normalizado o preço do vinho, o que devia merecer especial atenção a Comissão de Viticultura dos Vinhos Verdes, era esta entidade quem, junto dos Poderes Públicos, deveria tratar, com interesse e com persistência, do assunto em referência.

Se aquela Comissão resumir a sua acção a simples fiscalização — colheita de amostras, aplicação de multas, etc., — então a sua utilidade deixará de corresponder à completa execução do fim para que foi criada. Assim o entendo e da mesma forma o entendem outros cérebros mais brilhantes do que o meu, que nesse sentido se têm manifestado publicamente. Seria assim, pois, que se deveria procurar valorizar dentro do que fôsse justo o preço do vinho verde. Por isso, trabalhe-se dentro desse objectivo e acabe-se com a vergonhosa sementeira de tabernas particulares, que causam má impressão e não resolvem, afinal, as aspirações dos proprietários. Por este andar, não constituirá surpresa para ninguém se dentro de pouco tempo aparecer uma taberna particular

da cidade

Diversas Noticias

Ocorrências

No lugar de Campelos, freguesia de S. João de Ponte, deste concelho, indo montados numa moto os srs. Bernardino Joaquim Sá Tinoco, de Braga, filho do sr. Dr. Sá Tinoco, e Bernardino de Abreu Peixoto; daquelle freguesia, ao fazerem uma curva já conhecida por «Curva da Morte» por ali serem frequentes os desastres, foram de encontro à rede da margem da estrada, caindo a um campo da altura de 2 metros. Ambos ficaram bastante feridos pelo que tiveram de recolher ao Hospital da Misericórdia.

— Deolinda Maia, casada, jornalista, de 44 anos, da freguesia de Balazar, foi agredida à paulada por António Ferreira, solteiro, operário fabril, de 27 anos, da freguesia da Lobeira, João Ferreira, solteiro, operário fabril, de 21 anos, da mesma freguesia e João Ferra, solteiro, tecelão, de 22 anos, da freguesia de Balazar, produzindo-lhe graves ferimentos na cabeça e braço esquerdo, pelo que teve de receber curativo no Hospital da Misericórdia.

— Encontra-se detido nos collaboros da P. S. P. desta cidade, António Gomes, como suposto autor de um crime de fogo posto, na residência de Manuel da Cunha, da freguesia de Serzedelo, deste concelho. A policia averigua.

— João Fernandes da Rocha, casado, proprietário, da freguesia de Castelões, agrediu à sacholada António Joaquim Gonçalves, casado, proprietário, da mesma freguesia, bem como quatro filhos deste, produzindo-lhe graves ferimentos, pelo que tiveram de receber curativo no Hospital da Misericórdia desta cidade. Em consequência da agressão, faleceu na sexta-feira o António Joaquim Gonçalves, tendo-lhe sido ontem feita a autópsia.

Creche da V. O. T. de S. Francisco

Partiram no dia 1 do corrente para a Póvoa de Varzim as crianças da Creche da V. O. T. de S. Francisco que ali vão passar este mês.

Para que uma vez mais fosse levado a efeito esta Colónia Infantil muito contribuíram diversas pessoas que estão sempre prontas a colaborar em obras puramente cristãs.

A juntar a muitos dos donativos recebidos entregamos à V. O. T. de S. Francisco para aquele fim, a quantia de 65,000 que nos foi enviada pelo nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Souza Guise, residente no Rio de Janeiro, por intermédio de seu irmão o também nosso prezado amigo sr. Manuel de Souza Guise, residente nesta cidade.

Grande Excursão

Como estava anunciado visitou-nos no domingo a grande excursão promovida pela «Tuna Musical União Oliveirense», de Vila Nova de Gaia, que chegou a esta cidade por volta das 10 horas em comboio especial e era composta por algumas centenas de pessoas.

A «Tuna» realizou no Jardim Público um magnifico concerto, tendo a escutá-la numerosa pessoas que aplaudiram todos os números executados. Seguidamente os excursionistas esparharam-se pela cidade, percorrendo os varios monumentos e subiram à Estância da Penha, cujas belezas se quedaram a admirar a maior parte do dia. Retiraram para o Pôrto à noite.

Fabrico de doce

Comunica-se que as pessoas que costumavam encarregar-se do fabrico do doce no Recolhimento das Trinas, mudaram a sua residência para a Avenida 31 de Janeiro (antiga Estrada de Fafe), n.º 74, onde esperam continuar a receber as encomendas da já sua numerosa clientela, pelo que ficam muito gratas.

Falecimentos e sufragios

D. Angelina Dias Fernandes da Rocha — Na sua residência à Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, finou-se na segunda-feira, a sr.ª D. Angelina Dias Fernandes Rocha, que contava 74 anos de idade e era mãe da sr.ª D. Maria do Carmo Fernandes da Rocha e do sr. Agostinho Fernandes da Rocha e tia dos nossos prezados amigos srs. Dr. Jerónimo Martins da Rocha e Dr. António Rodrigues da Rocha.

O seu funeral realizou-se na terça-feira à tarde na capela do Cemitério Municipal, com a assistência de pessoas de familia e outras das suas relações, tendo tomado a chave do caixão o sr. Dr. Jerónimo M. Rocha. A familia enlutada as nossas condolências.

Vida Católica

Nossa Senhora da Guia — Nos proximos dias 8 e 9 realiza-se na

capelinha de N. S. da Guia a festa em honra da imagem da mesma invocação e do Senhor da Agonia, com o seguinte programa:

Dia 7 — às 19 horas, conclusão da novena. A noite serão iluminadas a frontaria da capela e as sacadas dos prédios visinhos. Dia 8 — às 9 horas, missa cantada a N. S. da Guia, às 18 horas, exposição do SS. Sacramento e, às 19 horas, sermão por um distinto orador, Te-Deum e bênção do SS. Sacramento.

Dia 9 — às 9 horas, missa cantada em honra do Senhor da Agonia. Nos dois dias a capelinha estará aberta à veneração dos fieis.

Romaria de Santo Antonino — Conforme programa que publicamos já no nosso último numero realiza-se hoje a tradicional Romaria de Santo Antonino, no monte do mesmo nome, proximo de Paço-Vieira, e que será abrilhantada pela Banda dos B. V. de Guimarães, prometendo ser revestida do costumado brilho.

Câmara Municipal

Sessão de 2 de Setembro — A Câmara Municipal resolveu: Saudar o sr. Presidente da República pelo seu feliz regresso à metrópole e pelo exito triunfal da sua visita ao Império Colonial Português; assalar a para exercer provisoriamente, as funções de zelador, na vila de Vizela, Eduardo Pereira Vila Pouca, vencendo a razão de 250,000 mensais; conceder 8 dias de licença ao desenhador da Repartição Technica, sr. Augusto de Aguiar; subsidiar pelo Lactário Municipal, Maria Ermelinda de Jesus Leite, até ao fim do ano corrente; mandar que, pela Repartição Technica, se organize o processo e orçamento da reparação do caminho publico que da estrada municipal n.º 5 dá acesso ao apeadeiro de Covas.

Recibos de vencimento — A fim de legalisarem os recibos de vencimento devem comparecer na secção policial da Câmara, os srs. Alferes António Ribeiro e José de Jesus, residentes neste concelho.

Concerto no Jardim

No concerto de amanhã, a realizar no Jardim Público, na forma do costume, pela Banda dos B. V. de Guimarães, fará a sua estreia o «Quarteto Saxofónico» da mesma Banda, ficando a cargo do mesmo a execução da segunda parte do respectivo programa.

Trata-se de uma nova modalidade que por certo há-de agradar aos apreciadores de musica.

O «Quarteto Saxofónico» é composto pelos seguintes elementos: Manuel Policarpo (Sax Soprano), José Coutinho (Sax C. Alto), Albino Fernandes (Sax Tenor) e Cândido da Silva (Sax Baritono).

Boletim Elegante

Comandante João de Paiva de F. L. Brandão

Com sua familia encontra-se na sua casa de Carvalho d'Arca, proximo desta cidade, o nosso prezadissimo amigo e illustre official da Armada, sr. comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

Comandante Geral da Policia Esteve em Guimarães o sr. coronel Afonso Carneira, comandante geral da P. S. P. que visitou a Esquadra Policial.

Dr. Americo Durão Regressou de Lisboa o nosso querido amigo e illustre colaborador, sr. dr. Americo Durão.

Partidas e chegadas Acompanhado de sua ex.ª esposa, regressou de Leça ao seu solar de Cepões, em Lamego, o nosso prezadissimo amigo, sr. dr. Maximiano Pinto de Simões.

— Deve regressar a Guimarães, dentro de poucos dias, o nosso prezadissimo amigo, sr. Bernardino Jordão, que no Pôrto, onde há meses se encontra, tem sido muito visitado e que, como já noticiamos, se encontra há dias no Hospital do Carmo daquelle cidade.

— Com sua esposa regressou a esta cidade, da sua viagem de núpcias, o nosso prezado amigo e distinto advogado, sr. dr. Fernando Aires.

— Partiu para a Póvoa de Varzim a familia do nosso prezado amigo, sr. Alfredo Guimarães, director do Museu Alberto Sampaio.

— Foram a Lisboa, assistir à recepção a S. Ex.ª o Senhor Presidente da República, os srs. capitão Magalhães e Couto e dr. Americo Durão, illustres Presidente da Câmara e Chefe da Secretaria Municipal, respectivamente.

— Com sua familia partiu para a Póvoa de Varzim o nosso amigo, sr. tenente Alberto Carvalho de Melo.

— Partiu para a sua propriedade de Britteiros, com sua familia, o nosso prezado amigo, sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho.

— Com sua familia partiu para as suas propriedades de S. Cláudio de Barco, o nosso bom amigo e activo sohcilitador, sr. Francisco de Faria.

— Com sua familia partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado conterrâneo e amigo, sr. Bernardino Faria Martins.

— Regressou da Penha, onde esteve a veranear com sua familia, o nosso prezado amigo e distinto advogado, sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues.

— Dew-nos o prazer da sua visita o

nosso prezado amigo e abastado proprietario em Nespereira, sr. Antonio José de Sousa.

— Com sua familia partiu para a Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo e distinto advogado nctário nesta comarca, sr. dr. Francisco Moreira Sampaio.

— Encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo, sr. Francisco Teixeira de Carvalho.

— Com sua familia partiu para as suas propriedades do Forno, freguesia da Esperança, Póvoa de Lanhoso, o abastado capitalista, sr. Adelino Pereira da Cunha.

— Partiu para a Póvoa de Varzim a familia do nosso prezado amigo, sr. Domingos Alves Machado.

— De Vila Nova de Gaia partiu para as terras de S. Vicente, onde vai demorar-se este mês o nosso illustre colaborador e amigo, sr. Delfim de Guimarães.

— De passagem para as Taipas onde vai tratar da sua saúde, esteve nesta cidade o professor de musica, sr. Silva Paranhos.

— Regressou de Leça da Palmeira o nosso prezado amigo sr. Antão de Lencastre.

— Partiu para Lamego o nosso bom amigo sr. José Pinto de Almeida.

— Regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Luís Teixeira.

— Regressou da mesma praia a familia do nosso prezado amigo, sr. Alfredo de Sousa Félix.

— Com suas familias partiram para a mesma praia os nossos bons amigos srs.: Benjamin de Matos, Celestino Lobo, Anibal Dias Pereira, António Silva, José Marques e João Ferreira das Neves.

— Com suas familias regressaram da mesma praia, os nossos bons amigos, srs. Manuel Alves de Oliveira e Alberto Vieira Braga.

— Com sua esposa partiu para a praia de Espésende, o nosso prezado amigo, sr. José Faria Martins.

— Regressou do Gerez, com sua familia, o nosso prezado amigo, sr. Joaquim Azevedo.

— Encontra-se na Póvoa de Varzim, com sua familia, o nosso prezado amigo, sr. Manuel Marques.

— Para a mesma praia partiu acompanhada de sua mãe e irmãos, a sr.ª dr.ª Edwiges Machado.

— Regressou da mesma praia com sua familia a sr.ª D. Antónia Passos Teixeira Bastos.

— Acompanhado de sua esposa e tomando parte numa Peregrinação a Lourdes, parte amanhã para França, o nosso conterrâneo e amigo, sr. Francisco Machado, recentemente chegado da cidade da Beira.

— Encontra-se hospedado no Hotel da Penha, a veranear, o nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Jacinto José Ribeiro.

— Com sua familia parte no sábado para a Póvoa de Varzim o nosso amigo e conceituado industrial, sr. José Oliveira.

— Regressou de Aller do Chão (Alentejo) a esta cidade, a sr.ª D. Albina de Quadros Flores.

— Tem estado entre nós, de visita a seus pais, o nosso amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida, que actualmente reside na Covilhã.

— Da Póvoa de Varzim regressaram, com suas familias, os nossos prezados amigos, srs. conselheiro dr. Raúl Alves da Cunha e dr. Bonfim Martins Gomes.

— Encontra-se nas suas propriedades de Serzedelo a familia do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

— Encontra-se em Vizela, com sua familia, o nosso prezado amigo e conceituado negociante portuense, sr. Francisco Costa.

— Regressou da Póvoa de Varzim, acompanhado de sua esposa, tendo partido de novo para as suas propriedades da Fonte Santa, o nosso amigo sr. José Maria Félix Pereira.

— Com sua esposa encontra-se entre nós o nosso amigo sr. Vasco Burnmeister Martins, abastado proprietario.

Doentes

Encontra-se doente, tendo recolhido a um quarto particular do Hospital da Misericórdia, o nosso amigo e antigo solicitador encartado, sr. João Alves Pimenta.

De desejamos as suas melhoras.

Aniversários natalicios

Fizeram e fazem anos: Nos dias 11 e 13, respectivamente, as ex.ªs. srs.ªs. D. Ermelinda Angelica de Almeida e D. Joana Viamonte; nos dias 8, 11 e 13, respectivamente, os nossos amigos srs. Manuel Bernardino Ferreira, João de Freitas Torres e José Maria Félix.

Passou há dias o aniversário natalicio do nosso prezado amigo sr. António de Jesus Teixeira.

No dia 26 de Agosto passou o aniversário natalicio da nossa gentil conterrânea ora residente no Pôrto, sr.ª D. Elvira Zeferina da Silva Correia.

Passa hoje o aniversário natalicio do nosso prezado amigo e illustre clinico sr. dr. Carlos Saraiva.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Proximo enlace

Deve realizar-se brevemente o enlace matrimonial do nosso prezado amigo, sr. dr. Manuel Jesus de Sousa, digno proprietario-gerente do Laboratório «Horus», desta cidade, com a gentil senhora D. Maria das Neves Leite Melo, filha do sr. João Leite e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Leite Melo, de Felgueiras.

morosas qualidades que não-de por certo contribuir para a felicidade do novo lar. Desejamos-lhe, desde já, as maiores felicidades.

do concelho

S. Torcato, 2 — Com sua familia tem estado no seu palacete de Sub-Deveza o sr. Alberto Pimenta Machado.

Também se encontra na sua aaprisível vivenda da Corredoura, com sua familia, o sr. Manuel Mendes de Oliveira.

Deu à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso prezado amigo sr. José da Silva, sargento reformado. Parabéns.

A longa estagiem tem prejudicado muito os milheirais, que estão definhando nos terrenos mais leves e nas encostas. Por este motivo, espera-se um péssimo ano agricola, sobretudo na colheita do milho, a principal riqueza desta região.

Tem passado doente a menina Gracinda Rosa de Oliveira, filha do nosso prezado amigo sr. Bernardino de Oliveira Fernandes Guimarães.— C.

Urgezes, 2 — Na freguesia de Ser-rafão, Fafe, realizou-se ontem o auspicioso enlace do filho do nosso amigo sr. Gonçalo Mendes de Castro e de sua esposa, o sr. Fernando Mendes de Oliveira com a sr.ª D. Maria da Conceição Campos Rodrigues, professores em Agrela e Jagueiros, respectivamente.

Após a cerimonia religiosa foi oferecido um delicioso copo d'água, findo o qual, os noivos partiram em viagem de núpcias.

Desejamos-lhes as maiores felicidades.

Encontra-se na sua quinta da Maina a sr.ª D. Beatriz da Silva Ribeiro Correia de Lacerda Leitão. Alex.

Pevidem, 2 — Na igreja de S. Cristóvão de Selho, baptizou-se há dias uma filha do nosso amigo sr. Manuel Rodrigues.

Regressou da Póvoa de Varzim a familia do sr. dr. João de Almeida, illustre clinico vimaranense.

Também da mesma praia regressou a familia do nosso amigo sr. João de Abreu.

Acompanhado de suas familias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos amigos e importantes industriais do Pevidem, sr. Alberto Rodrigues de Figueiredo, e o sr. José Rodrigues.

Encontra-se doente a esposa do nosso amigo sr. Manuel Rodrigues, a quem desejamos rápidas melhoras.

Activam-se os preparativos para a grande corrida do Ave que se deve efectuar no dia 25 do corrente, encontrando-se já em exposição duas artisticas taças e valiosos prémios.

Foram assaltadas há dias as casas do sr. José Pisco, que, por motivo de ter dado pela presença dos maltantes estes só levaram uma gaveta 75\$00, e da sr.ª Joana Urdadeira, à qual roubaram 250\$00 em dinheiro e objectos.— C.

AUTOMOBILISMO

Organizado pelo Automóvel Club de Portugal, com a colaboração da Comissão Municipal de Turismo, de Vila do Conde, realiza-se no próximo sábado, dia 10, o i.º Rallye Automóvel a Vila do Conde, em que devem tomar parte alguns automobilistas já conhecidos nestas provas, pelo que deve despertar muita satisfação esta interessante prova automobilistica.

Casa.

Aluga-se uma casa nova, aos andares, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Informa-se na casa immediata. (113)



UM ARTISTICO ESPELHO DE PRATA DA DURIVESARIA ANCORAS EMOLDURA MARAVILHOSAMENTE UM LINDO RESTO DE MULHER!

Durivesaria Ancora Fundada há 38 anos Rua 31 de Janeiro, 21 a 25 Telefone, 6078 PORTO

Anunciai no «Noticias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda.

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Hoje ocupá-mo-nos das charadas sincopadas.

Síncope é, como se sabe, gramaticalmente a supressão da letra ou sílaba do meio de uma palavra.

Nestas charadas são sempre e unicamente escritas em itálico (grifadas) duas palavras ou expressões, que são os conceitos, visto não haver partes a juntar e qualquer delas revelar, por si só, o termo que se pretende achar.

CHARADISMO

1.ª Série

N.º 2

Charada em verso

(Ao Dr. X, retribuindo)

1) Sua musa tem cantado — 1 verso cheio de beleza. Confrade: muito obrigado, pela sua gentileza.

Continue a frequentar — 1 a Secção «Eduipista»; assim, fará realçar a ideia charadista.

Guimarães. Lusbel.

Novíssimas

2) Apenas avistei a casa deixei o casal. — 1-1.

Polvoreira. Retróbi.

3) Após um certo «número» de pratos, veio a sobremesa. — 1-1.

Guimarães. Quico.

4) Está ali um pobre; mete pena o seu aspecto. — 1-1.

Guimarães. Dr. X.

Correio da Secção

Pacatão: — Sinto-me honrado com a sua presença na Secção. Seja bem-vindo.

Esqueceu-se de destacar a charada mais perfeita do n.º 1.

José do Canto: — Bravo! O n.º 1 saiu no domingo e na segunda já cá estavam as soluções! Isto é que é definir!

meira e terceira sílabas da palavra achada como sinónima do primeiro conceito.

Um exemplo:

O militar foi receber o pré. — 3-2.

Procura-se um sinónimo de militar com 3 sílabas, de forma que dessa palavra, tirada do meio (síncope), fique uma outra de duas sílabas que seja igualmente sinónima do conceito: pré.

E encontraríamos a palavra soldado como sinónimo de militar, e depois da síncope teríamos a palavra soldo como sinónimo de pré.

Esta espécie interessantíssima e muito cultivada só admite, porém, para a decifração palavras de número ímpar de sílabas, para que a síncope se faça com precisão sobre a sílaba do meio.

S. TORCATO

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»:

Como o sr. Manuel da Silva Leite, desta freguesia, volta, no último número do semanário que V. ... dirige a occupar-se de coisas da Irmandade de S. Torcato, ou, antes, a dizer coisas acerca dos mesários, que a administram, são estes constrangidos a pedir a V. ... a publicação da seguinte

Resposta ao Sr. Manuel da Silva Leite

Il.º Sr.:

No n.º 342 do «Notícias de Guimarães» confessa V. S.ª que o deixou atônito uma saravada de mentiras e insidias, despejada por um cavalheiro anónimo. Tem V. S.ª razão, porque sendo sete e não um, os anónimos, o despejar das mentiras devia assemelhar-se a uma saravada em dia de tempestade.

Queixa-se V. S.ª de que o informador, que o feriu, se esconde sob a capa do anonimato, como aquêle, que esconde a mão, depois de atirar a pedra. Bem pode ser que assim o fizesse por medo ou vergonha... Não foi, Sr. Leite, um anónimo que atacou os mesários da Irmandade de S. Torcato no n.º 337 deste semanário e no «Século» de 14 de Agosto?

Este anónimo, tam audaz nas suas afirmações, que tem em tam pouca conta a dignidade alheia, não podia deixar de ser a Mêsá da Irmandade, assim como o seu contraditor não podia deixar de ser o Sr. Leite. E' claro que só um podia ser o autor do escrito, e no qual exprimissem o pensamento de todos; pois, se os sete crescessem, cada qual determinado número de períodos, sair-nos-ia ao fim uma espécie de sacco de amostras.

Cria, Sr. Leite, que nos sentimos bem mais contentes pela maneira como nos trata, do que o nosso illustre Amigo Sr. Alberto Pimenta Machado com os seus elogios. E' que estes, se é o lê, não podem deixar de recordar-lhe o alto preço, por que antecipadamente o pagou, quando Juiz da Irmandade.

Da parte de V. S.ª antes nos venham insultos, que louvores. E, quanto maiores forem agora aquêles, tanto maiores serão estes, quando deixarmos de ser mesários. Os homens de critério e carácter costumam, em todas as fases da vida, ser iguais a si mesmos, no pensar e no agir.

Alguém estranha que nos entretenhamos com altercações desta ordem. E talvez tenha razão quem assim pensa: são conhecidos os mesários e é conhecido o Sr. Leite.

Como, porém, V. S.ª é jornalista e, como tal, lido talvez por público de boa fé, a este deve a Mêsá uma satisfação.

A Mêsá repete as suas afirmações, afim de que sejam bem conhecidas, o Sr. Leite possa chamar-nos ao Tribunal, se mentirmos:

1.º — exigimos a V. S.ª, mas só a V. S.ª, dez escudos por cada repique de sino, seja por que motivo for, e vinte pela occupação de qualquer terreno do Santuário, apesar dos seus conhecimentos sobre assuntos de Direito;

2.º — pagamos a V. S.ª 50 escudos pelo aluguer de um quarto, em que, na noite da romaria, pernoitou com sua Espôsa o Ex.º Sr. Tenente da Guarda. Quere testemunhas?

3.º — pagamos a V. S.ª 60 escudos por umas fotografias e 12 por um jantar, que gentilmente offereceu a um colega da imprensa, mas V. S.ª não adiantou essa quantia, pois já desde Março a tinha, e mais avultada, em seu poder. Por iguais trabalhos pagamos a outro jornalista 5 escudos;

4.º — V. S.ª fez, quanto pôde, por afastar da romaria os vendedores improvisados, que, aliás, tem como V. S.ª, direito à vida; criou dificuldades aos que já tinham o seu negócio a correr, pretendendo auto-los ou multá-los, servindo-se para isso de guardas, que tinham vindo a convite e por conta da Irmandade e não de V. S.ª; não ficou V. S.ª, porque não pôde, retalhista único de comidas e bebidas. Lembre-se V. S.ª dos passos, que deu, para conseguir os seus fins, e das ordens superiores, que a alguém foi pedir;

5.º — V. S.ª pretendeu, com simplicidade inocente, pôr em cheque a

INTERNATO ACADÉMICO

anexo ao

Liceu Martins Sarmiento

TELEFONE, 139

TELEFONE, 139

GUIMARÃIS

Instrução

primária,

Secundária,

Cívica

(e)

Religiosa.

no Liceu ins-

talado no mes-

Pedir prospectos à Direcção.

CAÇA

NOTA OFICIOSA

Pelos considerandos do Decreto-Lei n.º 18.725 de 2 de Agosto de 1930, vê-se que o Governo apesar de atender aos bons serviços prestados pelos cães, porcurou, no interesse público, reduzir o número desses animais obrigando os proprietários dos mesmos a effectuar uns registos excessivamente caros.

Atendendo a que o uso d'um número elevado desses animais, no exercício da caça, por grupos de caçadores, contribue para o rareamento das espécies cinegéticas, e

Sendo do conhecimento da actual Comissão Venatória deste Concelho, que uma grande parte dos caçadores, em anos transactos, não effectuavam os registos dos mesmos,

A Comissão Venatória Concelhia de Guimarães

Informa que vai fazer cumprir a obrigatoriedade do registo imposta pela Lei, e

Avisa que a penalidade por essa falta, importa para os donos, uma multa de 100\$00 por cada cão não registado, de 200\$00 por cada reincidência e com a apreensão na terceira, como o determina o art.º 8.º da Lei acima mencionada.

Guimarães e Secretaria da Comissão Venatória Concelhia de Guimarães, 29 de Agosto de 1938.

(140) O Secretário, (a) Benjamim Perera dos Santos.

V. Ex.ª

Só deve comprar meias na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. As meias da Casa das Meias são perfeitas e rigorosamente na Moda. Sortido completo e mais barato: CAMISARIA MARTINS — a Casa das Meias.

CASA DAS MEIAS.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

OURIVESARIA SOUSA

Sousa & Coelho

A casa mais especializada em jóias género antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter oficinas próprias.

Confrontem os preços desta casa.

«Jar a maior parte das balas que por «groças não cabiam nas espingardas, «se caminhou valerosamente e com fo- «ror do inimigo, gritandosse: Vamos a «eles, matemos estes ladroens. Na fren- «te caminhava o estandarte de Guima- «raens e o unico que perservou até o «fim da acção era conduzida pelo ce- «rurgião desta vila José Maria Borges «da Cunha Gavioto que se portou com «o maior valor. Acompanhavam Mon- «senhor Miranda João Pinto Pano al- «feres de cavalaria do Regimento nu- «mero doze da Divisão do Norte, o «Mestre Escola de Guimarães João, o «Manuel da Guerra, o Magistral Ma- «nuel de Gusmão, o conego e doutor «Jerônimo do Couto Ribeiro e seu so- «brinho João do Couto Ribeiro de «Abreo o criado José da Costa, Manuel «José Teixeira, o doutor Antonio Cle- «mente, Joaquim Vieira, alferes de «cavalaria, Fortunato Cardoso de Me- «nezes, hum filho de Francisco Joa- «quim de Sá, outro de Francisco Pinto «do Gnardal, o Padre Mestre Frei João «de Castro, o Padre Mestre Frei An- «tonio Pacheco, Mestre em Teologia, «ambos da Ordem dos Prégadores — «Pedro Machado de Miranda da Maya «Azevedo — Antonio Alves de Fato a

«seu filho o alferes de Melicas Louren- «ço Antonio Vieira — Henrique José «Vieira — José Bento Pifano — João «José de Araújo, escudeiro do Monse- «nhor Miranda — Antonio José Pinto, «aligo Pereira, soldado do Regimento «numero seis de Divisão do Norte — «Antonio Chapeleiro e outros muitos, «todos de Guimarães, achandosse «tambem muitos de Vila Real, Canelas, «Peso da Regoa e alguns de Lamego «da Ordem do Povo e partindo todos «com marcha apreçada com distancia «de legua, e meia de Lamego se topou «o inimigo, tomandosse os altos se «principiou a fazer fogo ao qual cor- «respondia por companhias intriochei- «randosse, dando descargas de Arte- «llaria por mais de meia legoa se foi «perseguido e só quando foi noite e «se acabaram os cartuchos se deixou «a junta a bigorne sendo tão temido na «sua retirada que nunca se animou a «destacar a cavalaria sobre os paiza- «nos que os acometião.

(Continua).

P.º Alberto Gonçalves.

VINDIMAS

MOSTOS VINHOS NOVOS

Senhores Vinicultores

As vindimas estão à porta. Se quereis obter vinhos ricos em alcool, extracto seco, acidez fixa, límpidos, de cor inalterável, livres das doenças da tolda, ou reserva, acetia, casse, oleosidade ou gordura, etc., etc.

Desinfectai os mostos no decurso do esmagamento das uvas, antes da fermentação com

Sanovinus "Eteria",

poderoso desinfectante e grande vitalizador das leveduras e dos mostos vinicos.

RENATO LEMOS

Vila Nova de Famalicão.

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranesa)

A attitude patriótica dos vimaranenses perante os Franceses

«No dia vinte e tres quando já par- «te da tropa de Guimarães se tinha «recolhido a Amarante, chegou o refor- «ço da cidade termo de Braga, com «duas peças de artilharia bem arma- «das, vindo valerosamente em nosso «socorro e logo o tenente-coronel Gas- «par Teixeira deo ordem para que se «recolhessem e o mesmo fez a ponto «de Ordenanças de Guimarães que se «achavão por saber que o inimigo ti- «nha retrocedido para Lamego, porém «por uma noticia que elle hia a come- «ter a ponte de Canavezes tocaram os «sinos a rebate e os tambores do Re- «gimento de Melicias a chamar cem «homens e em hum instante se pos a

«artilharia nos citios competentes com- «mandada pelo official Artilheiro Ro- «drigo Pinto da Costa marchando o «Regimento e grande quantidade de «Ordenanças armadas para o alto de «S. Pedro da Lomba aonde se pozerão «em estado de defesa, esperando as do «Tenente-coronel Gaspar Teixeira, e «do capitam Martiuh Correa e do Ten- «ente de infantaria Manoel de Almei- «da Carvalhães que tinham partido de «cavalo descobrir a passagem da ponte, «ficando a comandar as Melicias e Or- «denanças no dito alto o coronel de «Melicias reformado João de Couto Ri- «beiro de Abreo e o coronel Gaspar «Leite de Azevedo e seu irmão Gonça- «lo Peixoto e o sargento-mor aggrega- «do ao Regimento de Melicias de Baste- «Bento Leite de Moite, sendo fulço o «dito rebate se recolherão á Amarante «pelas onze horas da noite tendo ficado «o coronel Antonio Cardoso de Menezes «de garnição á parte da Amarante com «artilharia grande. «Grande parte das tropas de Gui- «marães ficou na Regoa e ali dormio «na noite vinte e dous, em cujo dia «pela tarde tinha sahido o inimigo e o «seu governo fez logo conduzir para a «ponte de cá todos os barcos maudan-

«do guardas avançadas para a ponte «della e humia espia habil para Lame- «go espreitar o inimigo e chegando «aviso desta manhaã do dia vinte e «tres, com parte que o inimigo sahia «pelas quatro horas e meia da manhaã «deste mesmo dia e que a sua bagage «caminhava atrazada pelos bois e ma- «chos hirem caçados e seguirão a «caminho de Castro de Ayre, deringin- «do-se ou ao Porto ou a Almeida, se «fez logo officio ao Supremo do Porto «que assignou Antonio de Souza da Silva «Alcoforado por ser a maior patente «do governo de Guimarães que alli se «achava e se remetteo pelas nove ho- «ras para as dez da manhaã. «Communicandosse depois as noti- «cias que a espia tinha dado e sendo «mostrada as cartas a alguns officiais «de Melicias de Vila Real que tinham «chegado de manhaã deste mesmo dia «com ordenanças, rezolvendo não pas- «sar a Lamego pelo inimigo levar mar- «cha adiantada, decidindo o governo «de Guimarães o contrario chamarão «com a sua bandeira quem quizesse «acompanhar a Lamego, perseguir o «inimigo, aclear o Nosso Augusto «Principe se unico aquella bandeira e «quando já muitos de Vila Real Mixão